

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOS 35 ANOS DA APAV
20 de março de 2025

CAPTURING THE FRIEDMANS / 2003
(Os Friedmans)

Um filme de Andrew Jarecki

Realização: Andrew Jarecki / *Montagem:* Richard Hankin / *Direção de Fotografia:* Adolfo Doring, Aaron Phillips / *Produção:* Andrew Jarecki, Marc Smerling / *Co-produção:* Richard Hankin / *Produção Associada:* Jennifer Rogen / *Produção Executiva:* Peter Bove, Jaye Nydick / *Música:* Andrea Morricone / *Direção Artística:* Nava Lubelski / *Montagem Sonora:* Marlena Grzaslewicz, Bruce Kitzmeyer, Ira Spiegel / *Cópia:* 35mm, falado em inglês com legendas em português / *Duração:* 108 minutos / *Estreia Mundial:* 17 de janeiro de 2003, Festival de Sundance, Estados Unidos / *Estreia Nacional:* 11 de março de 2004 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

A primeira e talvez a maior proeza de Andrew Jarecki foi a de ter percebido que o tema para o seu filme de estreia não estava onde era suposto estar, mas mesmo ali ao lado, quer dizer, “na vizinhança” desse bem identificado ponto de partida. Antes de se deter – e de ser cativado – pela história maravilhosa e horrífica dos Friedman, Jarecki pretendia realizar um documentário sobre palhaços profissionais especializados em festas de anos para crianças. Foi aí que encontrou David Friedman, um dos mais bem sucedidos *party clowns*. Em **Capturing the Friedmans**, ainda vemos David a trabalhar, dedicado a entreter crianças mas também a dar por bem empregue o dinheiro dos adultos. Ele desabafa, a dado ponto, que realizar este tipo de atuações ou de serviços tornou-se perto de insustentável: como é que ele podia entreter e ser convincente a envergar a máscara de palhaço se a sua vida familiar se encontrava num ponto de não retorno, fadada ao mais absoluto descabro?

Capturing the Friedmans ainda é sobre entretenimento e ainda tem que ver com máscaras ou jogos de ilusão. Mas já não versa sobre palhaços profissionais, escarpelizando ao invés uma família de classe média-alta judia que vive o dito “sonho americano” e faz gala disso mesmo, empenhando-se em sucessivos registos caseiros onde se celebra a vida nas suas mais diversas facetas. A tese que Jarecki vai explorando, imagem a imagem, é a de que os Friedman montaram uma realidade de fechada, sob o formato vídeo, não tanto para *épater la bourgeoisie* mas para entreterem a sua própria conceção de *american dream*. Ao mesmo tempo, um pouco como David, o filme vai sendo convertido numa sucessão de atos de magia e de ilusão em relação aos factos pelos quais o pai Arnold e o seu filho mais novo, Jesse, foram indiciados e acabaram condenados: afinal, o *pater familias* seria comprovadamente um pedófilo – algo que vinha bem detrás, com raízes no período da infância – e terá tirado partido do seu estatuto de premiado professor, homem culto, multitalentoso e de bons modos, para sodomizar os filhos da boa e pacífica localidade de Great Neck, Long Island. As vítimas eram as crianças exemplares de uma comunidade (que se via como) imaculada e os atos eram praticados por detrás da fachada de um curso de computação, área em que Arnold se especializara – e que o consagrara – na qualidade de pedagogo. Por debaixo do *american dream*, um *nightmare* de proporções inimagináveis que só se consegue entrever (consegue-se mesmo?) nesse paraíso artificial fantasmagorizado pelos *home movies*.

De facto, Arnold é apresentado, nas palavras da sua companheira de uma vida, como “um apaixonado pela imagem”. E o seu filho, David, o tal palhaço profissional, revela a certa altura que não parou de filmar o desagregar da família pois essa foi a maneira que arranjou para se esquecer, como se as imagens caseiras se constituíssem num corpo outro, numa “outridade” ou num modo de *playing out* que teria o condão de transformar aquela vida numa ficção dirigida a um auditório

virtual. Os Friedman são assim produtores e objetos de um verdadeiro “pesadelo Kodak”. Não espanta que Jarecki tivesse começado por esse fascínio, pelas máscaras e a *performance* de palhaços profissionais, pois foi ao lado, na vizinhança desse tema, que encontrou a máxima expressão de um horror convertido em entretenimento *mass mediático* desde o primeiro momento em que caiu a máscara ao benemérito pai de família. O caso dos Friedman, percebeu Jarecki, tinha tudo para não só expor os podres da família como da comunidade e do meio mediático envolvente. A “captura” referida no título diz respeito tanto à investigação judicial como ao “julgamento mediático”, mas também aos *home movies*, numa tentativa de se dar a compreender a dimensão moral, humana ou antropológica deste caso.

Começamos por aceder a um filme de terror que se vai revelando, de maneira tortuosa, por detrás da tal fachada feita da mais artificial das perfeições (a mesma que cineastas como David Lynch e Douglas Sirk muito se entretiveram a desmascarar). Todavia, à entrada do segundo ato, Jarecki produz uma reviravolta impressionante, pois a dado ponto suspeitamos que até os Friedman são vítimas, quer dizer, alvos a abater por um sistema que os torna em “carne para canhão”, quais personagens de uma novela grotesca onde valem até as interpretações e imputações mais incongruentes. Afinal, como é que Arnold e Jesse poderiam sustentar uma fachada daquelas por tanto tempo, à medida que os seus crimes se tornavam mais graves e sistemáticos (foram centenas os crimes que acabaram por lhes ser imputados, predominando o de abuso sexual contra menores)? Por muito engenhoso que fosse o plano dos dois depravados, Arnold e Jesse, como conseguiram inclusive esconder a prática criminosa no seio da família, já que alegadamente tanto a mãe como os outros dois irmãos, e restantes familiares, não se terão apercebido de tais atos? A realidade familiar, estável e idílica, converte-se, deste modo, num *horror fest* onde a verdade e a mentira, a justiça e a injustiça alternam de lugar a uma velocidade arrepiante. O filme começa a mudar de tom e de sentido quando as vítimas sem rosto dão conta de múltiplas formas de coação ou condicionamento policial. Procedimentos altamente discutíveis envolvendo o uso de hipnose adensam a tese de que parte desta história não passa de uma ficção sobre não somente uma família doente mas, mais do que isso, acerca de uma sociedade que muito irresponsavelmente se deixou capturar por uma narrativa de horror *bigger than fiction*.

Capturing the Friedmans tem a capacidade inquisitiva e o gosto pela exaustividade que nos lembra os filmes desse documentarista, outrora detetive particular de profissão, chamado Errol Morris, em especial o seu clássico **The Thin Blue Line** (1988). Mas o que perturba mais aqui é o ponto de partida: o próprio âmago da sociedade americana, a instituição familiar, revelando o quão vulneráveis e “mentirosas” podem ser as relações intra e extrafamiliares. Com efeito, esta também é uma história de pervertidos enquanto partes de uma comunidade embriagada com a possibilidade de uma felicidade e de um tipo de humanidade absolutamente sem mácula (que perversão!). Face a tudo isto, não devemos estranhar que Jarecki, que acabaria por lançar uma curta-metragem documental sobre palhaços profissionais, intitulada **Just a Clown** (2004), e que viria a realizar recentemente uma minissérie sobre um inominável e altamente mediatizado caso de psicopatia, **The Jinx: The Life and Deaths of Robert Durst** (2015-2024), diga a Charlie Rose no seu programa de entrevistas que “em certo sentido, eu amo os Friedman”. E que a principal tese, perturbante e deveras “capturante”, deste filme é a de que “uma pessoa boa [possa] fazer coisas más”. A tese é forte, mas estaremos preparados para ela?

Luís Mendonça